

# Pacientes esperam meses por consulta

*Filas e longas esperas são comuns no Mandaqui; no Emílio Ribas há vários equipamentos quebrados*

**N**a madrugada da quinta-feira, pareceu que o céu ia desabar na capital paulista. Choveu e trovejou assustadoramente. Mesmo assim, a dona de casa Elza Lima, moradora do Jardim Pedra Branca, Zona Norte, pegou um ônibus às 5 horas da manhã e rumou em direção ao Hospital do Mandaqui, no bairro do mesmo nome. Levava pela mão a filha de 7 anos e no colo o filho menor, de 2.

Chegaram ao destino antes das 7 horas e foram direto para uma fila, na qual outras 13 pessoas já esperavam. A mãe então pôs a filha para dormir num banco de madeira e continuou em pé, com o pequeno no colo. No guichê, uma funcionária do Estado atendia sem pressa nenhuma, dividindo sua atenção entre os doentes e um gato, listrado de amarelo e preto,

entronizado sobre o balcão. O que dona Elza esperava era uma senha, que lhe abrisse a porta para outra fila: a do médico de plantão no ambulatório. Havia um mês que ela esperava por aquela chance.

A história começou quando a menina teve uma infecção na garganta e a mãe a levou ao posto de saúde no Jardim Peri, também na Zona Norte. Lá, recebeu uma receita de xarope e a indicação para procurar um especialista, no Hospital do Mandaqui. Dona Elza, a filha e o filho foram até lá, mas voltaram apenas com uma senha, para retornar 30 dias depois. Foi na quinta-feira passada. "A menina até já



*Elza e o filho: desconsolo*

Masao Goto/AE

sarou", disse ela, desconsolada por ter esperado tanto tempo. Sua espera, porém, não era tão longa.

Não, se comparada à de outras pessoas da fila. Como a da governanta Aparecida de Souza, moradora do Jardim Santa Terezinha. Ela contou que esteve no hospital pe-

la primeira vez no dia 19 de outubro, reclamando de dores musculares que a impediam de dormir. Tudo que conseguiu foi uma senha para voltar também na quinta-feira, isto é: 86 dias depois.

As filas e as longas esperas são uma rotina no Mandaqui. Elas podem ser vistas por todas as partes. Na porta do banco de sangue, on-

de se faz a coleta de amostras para exames de laboratório, às 8 horas da mesma quinta-feira havia 102 pessoas esperando. Era um longo cordão, que começava na sala de espera e se estendia pelo pátio do hospital, ao ar livre.

Em todos os hospitais da rede estadual há dificuldades para se realizar os exames solicitados pelos médicos. Uma das principais razões disso, segundo explicações dos funcionários, é a falta de manutenção dos equipamentos. No Instituto de Infectologia Emílio Ribas, um dos mais importantes do País na área de doenças infeto-contagiosas, como a Aids, há vários equipamentos quebrados. Um deles, o colonoscópio, usado para exames do interior do cólon, foi encostado porque não se compra uma chamada lâmpada de fenda, sem a qual ele não serve para nada. No Mandaqui, o equipamento de exames oftalmológicos não funciona há seis meses. No Hospital Brigadeiro, o tomógrafo e o aparelho de radiografias também estão quebrados.